

A MARGINALIZAÇÃO DA CEARENSIDADE CULTURAL POPULAR: ANÁLISE DA OBRA *O PAÍS DOS MOURÕES* DE GERARDO MELLO MOURÃO

THE MARGINALIZATION OF POPULAR CULTURE IN CEARÁ: AN ANALYSIS OF
THE WORK *O PAÍS DOS MOURÕES* BY GERARDO MELLO MOURÃO

Antonio Edson Alves da Silva¹

Antonio Anderson da Silva Beserra²

Resumo: Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, de procedimento bibliográfico e de caráter exploratório, objetiva investigar aspectos de cearensidade cultural popular na obra *O País dos Mourões* (1972), de Gerardo Mello Mourão, desdobrando-se em dois objetivos específicos: Definir cearensidade com base na evolução dos conceitos de cultura, com ênfase em sua manifestação popular e indicar trechos de cearensidade na obra de Gerardo. Assim, este trabalho justifica-se por estudar o escritor Gerardo Mello Mourão dentro da tradição literária cearense, proposta inovadora de análise da obra do poeta. Quanto à fundamentação, Catunda (1999) e Júnior (2016) alicerçam as discussões a respeito da vida e fortuna crítica do autor; além das postulações de Arantes (1990), Machado (2002) e Sampaio (2012) para os debates acerca de cultura e cearensidade, e, por fim, a própria obra em tela para o levantamento e análise do *corpus* deste estudo, dentre outras referências que norteiam e validam as problematizações teóricas levantadas durante a investigação. Pelas experiências vividas e narradas, especialmente no canto representado pela letra grega λ (p. 109-123), Gerardo explora a cearensidade herdada tanto na fisionomia quanto na cultura e no léxico do seu povo, o que evidencia sua naturalidade e sua identidade, tornando assim exequíveis futuras pesquisas em Literatura Cearense.

Palavras-chave: Cearensidade; Cultura Popular; Gerardo Mello Mourão.

Abstract: This research, with a qualitative approach, bibliographic procedure and exploratory character, has the objective to investigate aspects of popular cultural cearensidade in the work

¹ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará - Brasil. Doutorando em Linguística Aplicada na Universidade Estadual do Ceará - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8850-6716>. E-mail: edson.crat@gmail.com.

² Graduado em Letras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9029-1934>. E-mail: antonio.anderson.silva07@aluno.ifce.edu.br

O País dos Mourões (1972), by Gerardo Mello Mourão, unfolding into two specific objectives: To define cearensidade based on the evolution of cultural concepts, with an emphasis on its popular expression and indicate parts of cearensidade in Gerardo's work. Thus, this work is justified by studying the writer Gerardo Mello Mourão within the Ceará literary tradition, innovative proposal for the analysis of the poet's work. About the reason, Catunda (1999) and Júnior (2016) support the discussions about the author's life and critical fortune; in addition to the postulations of Arantes (1990), Machado (2002) and Sampaio (2012) for the debates about culture and cearensidade, and, finally, the work on screen for the survey and analysis of the *corpus* of this study, among other references that guide and validate the theoretical problematizations raised during the investigation. For the experiences lived and narrated, especially in the song represented by the Greek letter λ (p. 109-123), Gerardo explores the cearensidade inherited both in the physiognomy and in the culture and lexicon of its people, which evidences its naturalness and its identity, thus making possible future researches in Cearense Literature.

Keywords: Cearensidade; Popular Culture; Gerardo Mello Mourão.

1 INTRODUÇÃO

A Literatura, como arte e campo científico, é construída historicamente a partir de uma série de critérios ideológicos que permitem, por exemplo, a inclusão de um livro ou autor ao cânone literário, isto é, o conjunto de obras importantes e representativas de um território ou grupo social em um determinado período, aumentando seu prestígio e, conseqüentemente, sua vitalidade ao longo dos anos. É considerável que esses parâmetros são, muitas vezes, excludentes, pois não reúnem todos os escritores ou obras como representativas e invisibiliza aqueles que não partilham do perfil classificatório.

Foi o que ocorreu com o escritor Gerardo Mello Mourão, que, mesmo nascido na cidade de Ipueiras-Ce, vivido no estado por alguns anos da sua infância e escrito obras que versassem sobre sua terra e seu povo, não foi estudado, até o momento, dentro da área da Literatura Cearense. Assim, seu lugar nos estudos literários do próprio torrão natal é reivindicado, uma vez que sua escrita poética expressa as máximas artísticas que compõem a literatura popular cearense, importantes por representarem a identidade local na obra *O país dos Mourões* (1972), primeiro livro da trilogia *Os Peãs*, motivo da seleção da obra como *corpus* deste trabalho.

Portanto, esta pesquisa, que visa revisitar a obra do barbo ipueirense e investigar a cearensidade cultural presente no livro épico *O País dos Mourões* (1972), foi construída a partir da metodologia de abordagem qualitativa, posto que analisa o objeto da pesquisa de forma elucidativa, abordando aspectos subjetivos e discutindo experiências particulares; de procedimento bibliográfico, uma vez que é no contado com a obra que os dados são colhidos, analisados e discutidos; e de caráter exploratório, pois é um estudo inicial com potencialidade para futuras pesquisas mais abrangentes e aprofundadas.

Assim, partindo da concepção de Ayala (1997) de que não é possível se debruçar sobre um sujeito ou objeto de pesquisa numa abordagem crítica do popular de forma parcial ou distante, pois “Sem abrir mão da tarefa de pensar, de analisar, de comparar, de estabelecer relações, deve-se pretender atingir a maior proximidade possível daquilo que se está estudando” (AYALA, 1997, p. 37), faz-se necessário, primeiro, o conhecimento da vida e da carreira do escritor em tela para o entendimento da sua trajetória pessoal e pública, o desenvolvimento conturbado da sua biografia e a compreensão de como as relações com sua terra natal e sua cultura marcaram sua produção literária, interesse deste trabalho.

2 UM ARRODEIO EM TORNO DO MUNDO: A VIDA ERRANTE DE GERARDO MELLO MOURÃO

No pé da Serra da Ibiapaba, na cidade de Ipueiras, nasce, no dia 08 de Janeiro de 1917, o menino Gerardo Mello Mourão, filho do Major da Guarda Nacional Coriolano Ribeiro Mello de Sampaio e da professora primária Esther Urcezina de Mello Sampaio, carregando consigo o sobrenome lendário de uma das mais importantes famílias daquelas bandas do sertão, como apresenta Oliveira Viana na segunda epígrafe do livro *O país dos Mourões*: “Os Mellos e Mourões do Ceará representam no Nordeste brasileiro, a fundação da maior árvore tribal da região. [...] Pelo número de sua parentela, dominaram o Ceará –

uma província inteira” – Instituições Políticas Brasileiras, *apud* Leonardo Feitosa “Tratado Genealógico da Família Feitosa” (tal como foi referenciado pelo próprio poeta).

Fez-se gente para além daquelas serranias também, chegando a morar inclusive na cidade de Crateús, antes de viajar ao Rio de Janeiro em 1928, com 10 anos idade. Naquela localidade sertaneja, viu a Coluna Prestes passar, impressionou-se com o bando de revoltosos liderado por João Alberto, e guardou na memória os tiros do bombardeio da terra crateuense. Quando ia mudar-se, escondeu-se na igreja daquele povoado na hora que passaria o trem, primeiro para Fortaleza, seguindo depois para o Rio de Janeiro, se recusando a deixar o torrão natal, mas foi persuadido pelo avô, que prometeu ao menino que não tardaria para ele estar de volta ao Ceará.

O intento da viagem era fazê-lo padre, como bem o queria sua mãe. Dessa forma, sua jornada tomou o rumo do Seminário São Clemente, dos padres redentoristas holandeses, em Congonhas do Campo, Minas Gerais. É nesse retiro santo que Gerardo recebe sua primeira formação humanística, aprende muito cedo nove idiomas e aventura-se na tradução de escritores clássicos, como Homero e Virgílio, aos 14 anos. Ainda pequeno, descobre o interesse pela poesia, e lendo os escritores românticos, brasileiros e estrangeiros, começa a desenvolver sua habilidade métrica e literária. Comprovam a influência dos poetas românticos os versos *d’O País dos Mourões*: “Oh, que saudades que eu tenho/ da aurora da minha vida/ ia colher pitangas/ trepava a tirar mangas/ à sombra das bananeiras/ debaixo dos laranjais” (MOURÃO, 1972, p. 63), paródia do trecho do poema *Meus oito anos* de Casimiro de Abreu e, também, os versos tomados do poeta cearense Juvenal Galeno, retirados do poema *O cearense*: Onde o fruto alastra no chão;/Vastos campos onde os touros,/Nédios, urram sobranceiros,/Entre os bandos de carneiros [...] (MOURÃO, 1972, p.99).

Mas, apesar de estadia no Seminário por 7 anos, seguindo depois para o convento, não se ordenou padre. Em 1935, Gerardo abandonou o hábito e as duas virtudes da vida monástica: obediência e castidade, restando apenas à pobreza, e seguiu para o Rio de Janeiro, onde começaria sua vida política, ligada principalmente ao Movimento Integralista, influenciado, sobretudo, pelo escritor e líder religioso Alceu Amoroso Lima. Contudo, é na cidade carioca que o bardo cearense intensifica seu processo de escrita, com a publicação em 1938 do seu primeiro livro *Poesia de um homem* (Ariel Editora, 1938) e faz participações nos jornais integralistas *Ofensiva* e *O Povo*, assumindo a diretoria deste último.

Sua adesão ao Integralismo marcou negativamente tanto sua vida pessoal quanto sua carreira, comprovado pela baixa receptividade, até hoje, da sua obra, uma vez que: “Em retrospecto, o movimento tem sido associado às tendências de extrema-direita, de viés fascista” (JÚNIOR, 2016, p. 11). Além disso, por sua escolha política, foi ainda preso durante a gestão do Governo Estado Novo (1937-1945), acusado de participar e promover atividades antinacionalistas, sendo detido durante os anos de 1942 a 1948. É durante o cumprimento de 6 anos de pena que Gerardo idealiza dois livros: a coletânea de poemas *O Cabo das Tormentas* (Edições do Atril, 1950) e seu primeiro romance, *O Valete de Espadas* (GUANABARA, 1986), “Em ambos os livros trata da solidão existencial do homem moderno à procura de significado e transcendência” (Júnior, 2016, p. 12).

A vida política do bardo ipueirense não é sossegada. Durante o período de Ditadura Militar (1964-1985), Gerardo candidata-se pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e se elegeu como Deputado Federal de Alagoas, mas tem seu mandato cassado pelo Ato Institucional número 5 (AI-5) e é preso novamente, acusado de ser comunista. Pela pressão política do regime, Gerardo exila-se no Chile, onde trabalha como professor na Universidade Católica de Valparaíso. Muitas de suas aulas, dadas em universidades brasileiras e

estrangeiras, foram compiladas no livro teórico *Invenção do Saber* (Paz e Terra, 1983), bem como artigos publicados no jornal Folha de São Paulo, quando foi correspondente na China, nos anos de 1980 a 1982.

Pelo tempo em cárcere, Gerardo utilizou a Literatura como máxima de sua liberdade, uma vez que “Sua poesia, lírica e épica a um só tempo, tem o tom altissonante da liberdade. É o lirismo-libertação de que falava Manoel Bandeira, insuflado pela intrépida cadência de ritmos delirantes, temperados pela razão suprema da realidade histórica” (CATUNDA, 1999, p.10). Livre também na sua diversidade textual, pois o escritor cearense enveredou em muitos gêneros literários durante a composição da sua obra, publicando livros, como, por exemplo: as obras poéticas *Poesia do homem* (1938) e *Cabo das Tormentas* (1950); o livro de contos *As vizinhas Chilenas* (1979); seu único romance *O Valete de Espadas* (1986); e, além da trilogia épica *Os Peãs*, a também epopeia moderna *A Invenção do Mar* (1997), tendo o verdadeiro reconhecimento da grandiosidade da sua obra pela indicação ao Prêmio Nobel de Literatura em 1979.

Em sua última viagem à Ipueiras, Gerardo Mello Mourão participou de um evento organizado por sua amiga, também escritora, Dalinha Catunda, em sua propriedade. Lá, além de saborear as comidas cearenses típicas, o poeta tomou também cachaça da terra com satisfação, e, ao se despedir da querida amiga, falou-lhe: “Dalinha, estou indo e carregando a cadeira que sentei”. E então, retornado ao Rio de Janeiro, depois de breve estadia em sua terra, Gerardo levava consigo uma cadeira de couro do seu torrão natal. O escritor ipueirense lá viveu até o ano de 2007, onde veio a falecer no dia 09 de março, em decorrência de falência múltipla de órgãos.

Por fim, abordando a constituição e o perecimento da família Mello Mourão, uma das famílias centenárias do Ceará, e coincidindo com a própria biografia do autor, principalmente aos acontecimentos da infância e da

mocidade, o livro *O país dos Mourões* (1972), objeto desta pesquisa, é essencial para o entendimento do conceito de cearensidade, muito pela mobilização dos aspectos identitários e culturais dessa linhagem, como a apreciação de cachaça, o valor dos homens *cabras da peste* e a violência tão comum a essa gente, fazendo parte da saga dessa família, como será mostrado a seguir.

3 O RETORNO AO PAÍS DOS MOURÕES: BREVE APRESENTAÇÃO DA OBRA

É inegável, como dito anteriormente, que as prisões sofridas pelo escritor ipueirense, 18 ao total, marcaram sua vida negativamente pelos anos de reclusão e pelas perdas sofridas durante esse tempo, mas este encontrou na sua escrita uma forma de externalizar os sentimentos de impotência e isolamento, tanto que “Gerardo define-se como aprendiz da solidão, “aprendiz de sepulturas e ressurreições”” (CATUNDA, 1999, p.14). Entretanto, apesar de usar da escrita como denúncia do cárcere ilegal, Gerardo aproveita da prática poética para matutar sobre si mesmo, no exercício de olhar para dentro e perceber seu lugar no mundo, como sujeito integrante de uma comunidade. Para tanto, Gerardo percebe a possibilidade de resgatar o passado em *O país dos Mourões* (1972), primeiro livro da trilogia *Os Peãs*, recontando a história da lendária família dos Mellos Mourões do Ceará, a fim de (re) construir uma identidade própria para si e para a narrativa, abordando aspectos estilísticos, geográficos, lexicais e sociais específicos da sua naturalidade.

É sob o signo dessa “irresidência na terra” que se desenvolve a poesia de Gerardo. Pode-se dizer que a poesia que escreve depois de *O valete de espadas* – especialmente *Os Peãs* – parte justamente de um esforço de reconstituição dos laços de identidade com suas origens; trata-se de uma tentativa de construção de uma narrativa poética que integre sua experiência fragmentada e que lhe permita participar, em uma dimensão simbólica, de alguma espécie de comunidade (JÚNIOR, 2016, p.12).

Sendo publicada pela primeira vez em 1963, a obra, escrita com recursos do gênero literário épico, narra as façanhas envolvendo a família centenária dos

Mello Mourões, dominadores de toda a antiga província cearense pelo poder financeiro, político e bélico, desde tempos imemoriais, quando é criado o território pertencente àquela parentela, o verdadeiro país dos Mourões, palco de brigas e vinganças, chegando até as peripécias do último descendente, Gerardo Mello Mourão, que, a partir da tomada de consciência da sua história, apercebe-se como resultado diacrônico da herança identitária do seu povo.

Essa identidade própria da narrativa associada à cultura popular e aos cenários rústicos marcou a produção literária modernista da prosa da geração de 30 e descendentes, como afirma Bosi (2015), “A prosa de ficção encaminhada para o “realismo bruto” [...] beneficiou-se amplamente da “descida” à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos, que a prosa modernista tinha preparado” (BOSI, 2015, p. 411), visto em Gerardo, principalmente, pela mobilização do tom memorialístico e regionalista na composição de sua obra, acentuando o caráter de pertencimento local do autor, como afirma Catunda (1999):

Tanto marcou o ambiente rural da infância que o seu inventário vocabular está assinalado de termos regionais: o mangará das bromélias e o ouro das macambiras, o cheiro dos cajás, bambus, barrancas, cacimbas, cabras assinadas na orelha, éguas e jumentos ferrados, coronéis senhores de engenho e homens vestidos de couro pelas capoeiras, caatingas e espinheiros do agreste, alimentando-se de caitetés, marrecos, graviola, cajás, cajus etc (CATUNDA, 1999, p. 15).

Assim, o processo de resgate do passado fica evidente na memória e na identidade preservada dos conterrâneos, marcando a postura e as preferências ou mesmo pela própria fisionomia do poeta, acentuando o caráter popular dos homens da família daquelas bandas do sertão, apreciadores de cachaça, raparigueiros e brabos com as suas desavenças, sendo então o poeta reflexo dos homens da sua família. Assim ao resgatar o passado, o toma como matéria constituinte da sua pessoa, como nos versos:

Ao teu afago rude parecia talhar-se/

*a cabeça do infante em tuas mãos:/
de tuas mãos recolho a herança que me deram/
os pais de minha raça:/
a mandíbula quadrada e o gosto/
das velhas aguardentes e das putas/
e o gosto das pistolas e da morte/
e dos assassinos e dos assassinados/
e os espantados olhos/
assíduos a defuntos como a vivos*
(MOURÃO, 1972, p. 26-27).

Por fim, ao contar as histórias de sua família a partir das lendas e relatos sobre seu povo, Gerardo traça o perfil de seus antepassados, sua relação com a vasta terra sertaneja e o legado deixado na fisionomia e nos costumes, assentando sua marca como filho do sertão e, na medida em que recupera seu passado ao longo da divisão dos cantos, sua cearensidade manifesta-se, especialmente na cultura popular preservada do seu povo, como será apresentado a seguir.

4 O JEITO DIFERENCIADO DE SER CEARENSE: A CULTURA POPULAR E A CEARENSIDADE

Durante o percurso semântico da palavra cultura, no século XVII, o sentido deste vocábulo estava intimamente associado ao desenvolvimento tecnológico, artístico e intelectual de uma nação, como afirma Elias (1994, p. 23): “Com essa palavra, a sociedade ocidental procurava descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais”. Nesta definição está presente uma distinção entre as manifestações culturais eruditas e requintadas, que deveriam ser alcançadas e prestigiadas, e as expressões incultas e vulgares, que deveriam ser evitadas e, conseqüentemente, desprezadas.

Essa definição intelectualizada do termo é apenas uma possibilidade, seleta e abastada, do entendimento desta expressão, como afirma Arantes (1990) ao explicar o entendimento da noção de cultura em uma lógica social marcada e separada por classes, onde há uma predileção às manifestações ditas elitizadas:

Nas sociedades estratificadas em classes, essas esferas da “cultura” são, na verdade, atividades de um conhecimento e de um gosto que, partindo das universidades e das academias, são difundidos entre as diversas camadas sociais como os mais belos, os mais corretos, os mais adequados, os mais plausíveis, etc. Nesse sentido, “ser culto” é uma condição que engloba vários atributos: ter razão, ter bom gosto ou, numa palavra, como diz o nosso dicionário, “saber, ter conhecimento, está informado” (ARANTES, 1990, p. 9-10).

Todavia, as manifestações que não teriam o *status* de ilustre revelam outra perspectiva de representação de vivências e tradições, e estas podem ser concebidas de muitas formas. Uma das principais maneiras de compreender esta cultura popular é entendê-la como folclore, ou seja, “como um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) consideradas “tradicionais”” (ARANTES, 1990, p.16), ou seja, como manifestações típicas e únicas de uma dada cultura. Contudo, há um risco em conceber cultura desta forma, porque a manifestação pode ser vista de forma exótica e engessada, sendo inimaginável concebê-la no presente, pois esta deve estar cristalizada no passado.

Para além desta concepção, a cultura popular também é vista como retalhos de uma cultura homogênea que podem ser catalogados, resgatados e reinseridos na sociedade, desconstituída da sua essência e sob o ponto de vista da ótica dominante, como comuns a todos. Por conta deste entendimento de cultura descontextualizada é muito comum, atualmente, debates acerca de apropriação cultural, como explica Arantes (1990):

Como que num exorcismo, esses fragmentos que tenham energia aqui e ali, em momentos cruciais de nossa vida, são deslocados para o passado e para outros lugares. O que é identificado e escolhido

como elemento constitutivo das tradições nacionais é recriando segundo os moldes ditados pelas elites cultas e, com uma nova roupagem, desenvolvido, digerido e devolvido a todos os cidadãos (ARANTES, 1990, p. 18).

Assim, para o entendimento dessa outra possibilidade de cultura, que é deslegitimada em uma sociedade de classes e muitas vezes não ocupa ou não é disseminada nestes centros científicos, faz-se necessária a compreensão de algumas postulações desenvolvidas por Arantes (1990) a respeito do tema: i) a cultura é um conjunto de símbolos e signos partilhados, compreendidos e representativos de uma comunidade que a permeia em práticas cotidianas como os ritos religiosos, vestimentas, relações sociais e, mesmo que não explicitado pelo autor, a língua; ii) a cultura popular é vivida em um determinado contexto, sendo resultante das interações que ocorrem dentro daquele sistema; iii) mesmo que esta seja um ajuntamento de signos, há, no interior de uma mesma comunidade, diferentes formas de compreender e considerar as próprias manifestações, não sendo um aspecto homogeneizador; e iv) compreender sua dimensão política é destacar a cultura popular como um instrumento de resistência frente às manifestações culturais elitizadas, visto que muitas vezes a reprimem, sendo também instrumento de transformação social, pois possibilita que os grupos sociais populares se reinventem e construam sua própria realidade.

Para tanto, dentre as possíveis noções de cultura popular, a definição mobilizada neste estudo será a desenvolvida por Machado (2002, p. 335) de “[...] cultura popular como todas aquelas práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano de atores sociais específicos, distantes do racionalismo científico, como forma de recriação do seu universo: crenças, hábitos, costumes, conhecimento”, pois, além de condensar as postulações desenvolvidas por Arantes (1990), aproxima-se dos conceitos de cearensidade.

Para Carvalho (1994, p.32), “A definição desta “cearensidade” consistiria em reforçar as características que o senso comum alinhou como peculiares à gente da terra, em uma operação ideológica de esvaziamento dos elementos contraditórios e de construção de uma mitologia”. Desta forma, ao formular seu conceito, Carvalho (1994) evidencia os símbolos próprios, distintivos e de conhecimento geral do povo do Ceará na construção das mitologias, dos heróis, das narrativas, dos jeitos e trejeitos da vida cotidiana.

Além destes aspectos distintivos dos quais falava Carvalho, o conceito de “cearensidade” é aumentado, ficando mais coerente aos objetivos do trabalho, na explicação de Sampaio (2012), para quem “cearensidade” também é a compreensão pela terra, do que ela significa e de como modela as manifestações sociais; mas não só isso, também é a mudança, muitas vezes incerta do destino da terra do sol, não sendo algo estagnado, mas dinâmico e diverso.

Cearensidade quer dizer “qualidade particular; qualidade própria para distinguir, o cearense”. Expressão de sentimento com o lugar de origem, especialmente no que diz respeito às tradições e às características singulares, únicas, de nossa terra. São episódios originais, peculiaridades privativas de nossa gente. Diz respeito, também, ao nosso justificado amor pela terra, dado a verdadeira paixão que o cearense tem pelo torrão natal e à fé que deposita nos destinos do Ceará. O Ceará, para nós, não é somente bravura, religiosidade, tradição e civismo. É também ação, dinamismo e progresso (SAMPAIO, 2012, p. 5).

Ademais, ao relacionar “cearensidade” ao teor político característico de uma cultura popular, é inegável perceber a resistência desta terra que por muito foi estigmatizada e invisibilizada pelas ideologias políticas dos territórios Sul-Sudeste do país, inclusive no meio literário, mas que, apesar das adversidades, produziu e se destacou no campo letrado, como afirma Marques (2018, p. 20): “Por uma série de circunstâncias, o Ceará, surpreendentemente, foi um dos estados brasileiros que, mesmo longe do centro hegemônico do país, desenvolveu bastante seu ambiente literário na segunda metade do século XIX”.

Na literatura, a cultura popular e, por extensão, a cearensidade são evidenciadas nas narrativas de diversas formas, desde as características físicas, o humor gaiato dos homens, a descrição dos cenários sertanejos, a disputa de poderes sociais e a linguagem matuta enraizada na realidade cearense, ou seja, pelas manifestações dos símbolos representativos do povo e da terra, de forma múltipla e dinâmica, que são construídas as prosas cearenses. Assim, como explica Marques (2018), “Esta literatura teria que percorrer um espaço que não era propriamente o lugar de nascimento do escritor, mas significava um território mais amplo, um Ceará simbólico, uma essência, uma cearensidade que uniria as obras que deveriam compor a chamada literatura cearense” (MARQUES, 2018, p. 76).

Desta forma, os aspectos de cearensidade na obra *O País dos Mourões* (1972) são muitos, mas pela extensão da obra-objeto deste trabalho, será analisado, principalmente, o canto representado pela letra grega λ (p. 109-123), visto que este recorte se justifica pela possibilidade de abordar e discutir temas referentes à cultura popular, como: coletividade, memória, relações de poder e o léxico cearense que caracterizam a prosa épica do escritor ipueirense, como será observado melhor na seção seguinte.

5 FILHO DE MOURÃO, CABRA DA PESTE É: A CEARENSIDADE N’O PAÍS DOS MOURÕES

Nas paragens dos Mourões, as leis e a estrutura social eram estabelecidas por essa grande oligarquia cearense, tanto que a história da família centenária está estreitamente relacionada ao sentimento de posse da terra, pois, além de representar a dominação pelas diretrizes desta parentela, aquele território é um elemento constitutivo e essencial aos homens e mulheres da tribo, presente nas práticas sociais destes sujeitos. Assim, a terra pertence aos homens, como os Mourões pertencem a terra, simbolizada no trecho abaixo pela gravura do

ferro de marcar animais, mas que ao final, marcava tudo que era compartilhado e retratava o gênio da dita família dos Mello Mourões.

Naquele tempo
chiava o ferro no quarto dos bois
e o gado do capitão mungia gordo
na soltas dos mourões
e as cabras eram assinadas na orelha e as éguas e os
jumentos ferrados
e o ferro negro marcava o gibão dos vaqueiros, os
bancos da alpendrada, a aroeira dos currais de
tronqueira
e as camas de couro cru onde nascemos e a marca
dos mourões marcava
homem alimária e coisa
naquele tempo:
cabo de osso do facão mateiro
coronha do rifle papo amarelo lâmina
do terçado de três palmos
(MOURÃO, 1972, p. 29).

Sendo então uma representação coletiva, qualquer um que desrespeitasse aquele chão ou desafiasse o poder daquela família, iria sofrer o ódio grupal dos homens da tribo Mourão. Foi o que aconteceu a Vicente Negreiros que, ao assassinar Manuel, da raça dos Mourões, sofreu a vingança encabeçada por Alexandre Mourão e seus parentes, que partiram mundo afora atrás do matador de seu irmão, como nos conta Gerardo (1972) ao contar sobre o caso:

Vicente de Negreiros, chamado Vicente da caminhadeira
furou o mundo e Alexandre
Mourão no rastro dele
andou duas mil léguas e o Maranhão
e o Piauí e o Ceará e o Rio Grande e Pernambuco

e a Parnaíba
 celebraram o tropel de seu cavalo
 e furor de sua vendetta
 e o trom de seu bacamarte de boca de sino [...]
 (MOURÃO, 1972, p.110).

Durante a narrativa, Gerardo descreve que o modo escolhido por Alexandre Mourão para resolver a situação envolvendo seu falecido irmão era típico de sua gente, pois era comum aos homens da raça dos Mello Mourões que resolvessem suas desavenças com sangue derramado. Dessa maneira, o entendimento da vingança como forma de honrar um familiar morto com a própria morte do seu algoz é uma manifestação cultural desta parentela, já que era aceito pelos demais que, inclusive, ofereciam ajuda na realização vingança.

E depois de duzentas e tantas léguas de viagem
 cheguei a Nossa Senhora do O
 tomei a casa de meu parente, Capitão André Cursino Cavalcanti
 e aconselhou-me:
 devia seguir para o Engenho Monjope, de nosso
 parente, Capitão-Mor João Cavalcanti de Albuquerque
 o senhor mais rico e forte daquelas terras
 contei-lhe meu destino
 não quiz (*sic*) mais que eu saísse:
 seus homens é que vão a Igarassu para a missão
 e um dos meus para reconhecer
 (MOURÃO, 1972, p. 113).

Mesmo que a emboscada não tenha funcionado, porque o assassino escapuliu, Alexandre Mourão, que reencarna como narrador das suas próprias provações, relata a busca incessante pelo vilão, na tentativa de saldar a morte do seu irmão Manoel. A jornada do herói sertanejo atravessa cidades e desperta a fúria das entidades políticas da antiga província cearense, principalmente a pessoa do presidente José Martiniano de Alencar, espírito modernizante da

história local, que declaram guerra à raça dos Mourões, chamados sanguinários e bárbaros.

No caminho de Crateús derrubei cinco com minha
clavina francesa e fugiram
vinte de seus acostados
e entrei na Vila do Príncipe Imperial com o botim
de seus cavalos
e eu tinha dois bacamartes a tiracolo e um deles
se chamava Luar da Serra e o outro Galo de Campina
e o Governador Alencar e o Presidente do Piauí,
um poltrão que me devia a cadeia,
declararam guerra
à raça dos Mourões
(MOURÃO, 1972, p.117).

Sendo descritos, inclusive pelo próprio Gerardo, como violentos, a parentela dos Mourões do Ceará representavam uma força antagônica aos interesses do governo provinciano, que ao passo que queria atualizar a região, utilizava das mesmas ações que condenava os homens da dita família para conseguir realizar seus objetivos, como afirma Araújo (2016), “o que não se diz é que esta cultura da violência era a regra, e que o mesmo grupo político que classificaram os Mourões como bandidos ou cangaceiros, surgiram no mesmo contexto e também empregaram as mesmas práticas de violência e expressões de poder privado”.

Mostrando-se uma força resistente aos interesses políticos modernizantes, Alexandre Mourão foi arisco e escapou a nado da tocaia armada pelo exército, atravessando o Rio Parnaíba. A narrativa do herói ganha então ares encantados, ressaltando a intensa força e resistência do moço, marcando o tom memorialístico da prosa épica de Gerardo, que ao lembrar a lenda do seu antepassado, ressalta a firmeza da sua família ao enfrentar o inimigo, como pode ser observado:

[...] resisti sozinho
 nas mãos do inimigo não cai vivo um macho
 da raça dos Mourões
 não me lembrei dos peixes e das cobras ferozes
 a rês bargada
 atravessava a nado o Parnaíba imenso
 por onde passa o boi, passa o vaqueiro
 fui ter ao outro lado do rio
 nu, com um patacão no dente
 e o punhal na mão
 (MOURÃO, 1972, p.119).

Assim, mesmo não conseguindo realizar seu objetivo, sendo preso e assassinado, a história de Alexandre Mourão continuou a ser contada e encenada por seus descendentes, que mantiveram viva a identidade dessa lendária família do Ceará ao semear mais Mourões no mundo. Gerardo, como um sucessor direto, ao mostrar a relação que sua família tinha com as terras do país dos Mourões, ao abordar um entendimento coletivo sobre honra, ao destacar a resistência da sua raça, ao mobilizar a memória como um recurso de preservação da saga épica dos seus conterrâneos e usar um léxico tão local para relatar a história de sua família, mantém-se fiel à cultura popular cearense e nostálgico às memórias de seu povo.

[...] frustrada foi a morte de Vicente Lopes de Negreiros
 e o rosto moreno de Manuel
 à bússola de Gonçalo e Antônio José
 e também eu, amor.
 da raça de Alexandre
 dos que não deixam a vida à mão dos inimigos
 vou deixá-la na ilha de teu ventre
 para sempre.
 E para sempre
 estarão os logares semeados

de Mourões
(MOURÃO, 1972, p.123).

Por fim, o relato das memórias dos causos da família Mello Mourão pelo derradeiro descendente dessa tribo é possível graças à linguagem, que traduz os símbolos compartilhados nas manifestações culturais, ou seja, o léxico, os valores e gostos herdados por Gerardo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, ao recontar a história lendária da sua família na narrativa épica *O País dos Mourões* (1972), Gerardo mobiliza os traços culturais populares herdados do seu povo, evidenciando sua cearensidade, isto é, pela extensão da cultura popular, uma forma particular de construção e interpretação do mundo biossocial a partir de uma visão essencialmente cearense, o que pode ser comprovado pela leitura e análise do canto λ (p. 109-123).

Além disso, um aspecto significante na obra do escritor cearense é o léxico mobilizado para narrar a saga da sua parentela: foi possível perceber que Gerardo utiliza uma série de termos locais para desenvolver sua narrativa, tanto para descrever paisagens, instrumentos e relações socioculturais, evidenciando a cearensidade na obra e também seu pertencimento ao torrão natal.

Para a área de Literatura Cearense, a pesquisa possibilita pensar cearensidade relacionada à cultura popular a partir da análise das manifestações presentes na obra, resultando na descoberta de um escritor que não havia sido ainda estudado nesta área científica, estendendo as discussões que possivelmente acompanham a integração de Gerardo Mello Mourão às letras locais.

Por fim, é na junção de todos esses procedimentos teórico-metodológicos que é reivindicada e redescoberta a identidade do escritor

Gerardo Mello Mourão, uma vez que, depois do trauma com as sucessivas prisões, buscava apenas o pertencimento a sua comunidade e a sua cultura natal.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ARAÚJO, Reginaldo Alves de. “*Coisa de Mourão*”: uma parentela do sertão cearense no -processo de afirmação do Estado brasileiro (1835-1856). In. *Semana de História da Feclesc*, 12, 2016, Quixadá. **Anais**. Quixadá: Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC, 2016. Disponível em: http://uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos_completos/245-26471-05072016-174112.pdf. Acesso em: 12 set. 2020.

AYALA, Maria Ignez Novais. *Por uma abordagem crítica do popular*. Revista Graphos, vol.2, n.4, 1997.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

CARVALHO, Gilmar de. *Publicidade em cordel: o mote do consumo*. São Paulo: Maltese, 1994.

CATUNDA, Márcio. *Na trilha dos eleitos: Gerardo Mello Mourão: Poeta Oracular/ José Alcides Pinto: Demônio Iluminado*. v.1. São Paulo: Espaço Tempo, 1999.

ELIAS, Norbert. *Da sociogênese dos conceitos de “civilização” e “cultura”*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

JÚNIOR, Odorico Leal de Carvalho. *Cantos à comunidade ausente: a tradição épica em Os Peãs, de Gerardo Mello Mourão*. 2016. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-10112016-145800/es.php>. Acesso em: 12 set. 2020.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações*. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (Org.) *História e cultura: espaços plurais*. Uberlândia: Aspectus, 2002.

MARQUES, Rodrigo. *Literatura cearense: outra história*. Fortaleza: Dummar, 2018.

MOURÃO, Gerardo Mello. *O país dos Mourões*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gerardomellomourao.html>. Acesso em: 08 .Dez. 2018.

PORDEUS JR, Ismael de Andrade. Cearensidade. In. CARVALHO, Gilmar de. *Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2003. p. 11-19.

SAMPAIO, Filgueira. *Cearensidade*. Fortaleza: Edjovem, 2012.

Recebido em 18/08/2022.

Aceito em 02/02/2023.